

da burrice.

Por último, gostaria de questionar a nova panacéia da inclusão social que são os telecentros. Acho que hoje eles são importantes para que as pessoas possam aprender e conhecer as tecnologias que farão parte do nosso passado rapidamente. Uma espécie de turismo à pré-história do presente. E história é sempre bom; mas vamos adiante. Como foram os cibercafés, os telecentros são vistos com a solução para o problema do acesso e da formação, mas não durarão muito tempo. Virou a nova coqueluche e a saída para governos populistas ou ONGs ávidas de reconhecimento. A rede tem se tornado cada vez mais ubíqua. A tendência é a disseminação da conexão generalizada por todas as áreas (escolas, praças, cidades inteiras...) do que chamei em outro artigo de cidade ciborgue, a cidade conectada, onde cada cidadão terá, querendo ou não ser incluído, que lidar com máquinas de comunicação conectadas. Já vivemos isso. Assim, os telecentros podem ser hoje paliativos para a formação (?) e acesso às tecnologias da cibercultura, mas serão reformulados ou mesmo desaparecerão pela disseminação e ubiquidade das redes telemáticas nos "espaços de lugar".

Entendo inclusão como habilidade cognitiva para dominar, mudar, desconstruir discursos e alterar as rotas dos produtos prêt-à-porter das fábricas de ilusões. Não me parece haver vozes que questionem a inclusão e isso é bastante empobrecedor. Incluir é ter capacidade livre de apropriação dos meios, que não é só técnica, mas sociocognitiva. Se incluíssemos os jovens dos anos 1970 às regras da "grande informática" (da IBM, dos militares e da big science) jamais teríamos a microinformática. Se incluíssemos esses jovens ao uso bélico da Arpanet, jamais teríamos a internet. Inclusão sem qualificação é um grande palavrão!

Talvez a verdadeira inclusão social se dê pela educação aos novos meios, que não é apenas técnica, pelo desenvolvimento de um pensamento crítico e inquieto em relação ao que nos vendem como a última novidade aquilo que vai apodrecer lá na frente. Pense e busque incluir-se e excluir-se ao mesmo tempo. Só com a alternância entre a distância e o engajamento poderemos sair do melhor dos mundos da última semana. Talvez a verdadeira e mais sábia inclusão seja a da auto-exclusão inteligente, questionadora e inquieta. Exclua-se incluindo-se, perturbe o sistema e "don't believe the hype"!

Autor de Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea (Sulina), André Lemos (alemos@ufba.br) reveza-se neste espaço com Vladimir Safatle, Denilson Lopes e Ligia Cademartori.